

# arte vital



Realização



Patrocínio



Cultura

Secretaria de  
Cultura e Economia  
Criativa



GOVERNO DO ESTADO  
RIO DE JANEIRO

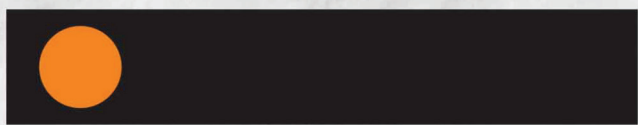
SECRETARIA ESPECIAL DA CULTURA  
MINISTÉRIO DO TURISMO



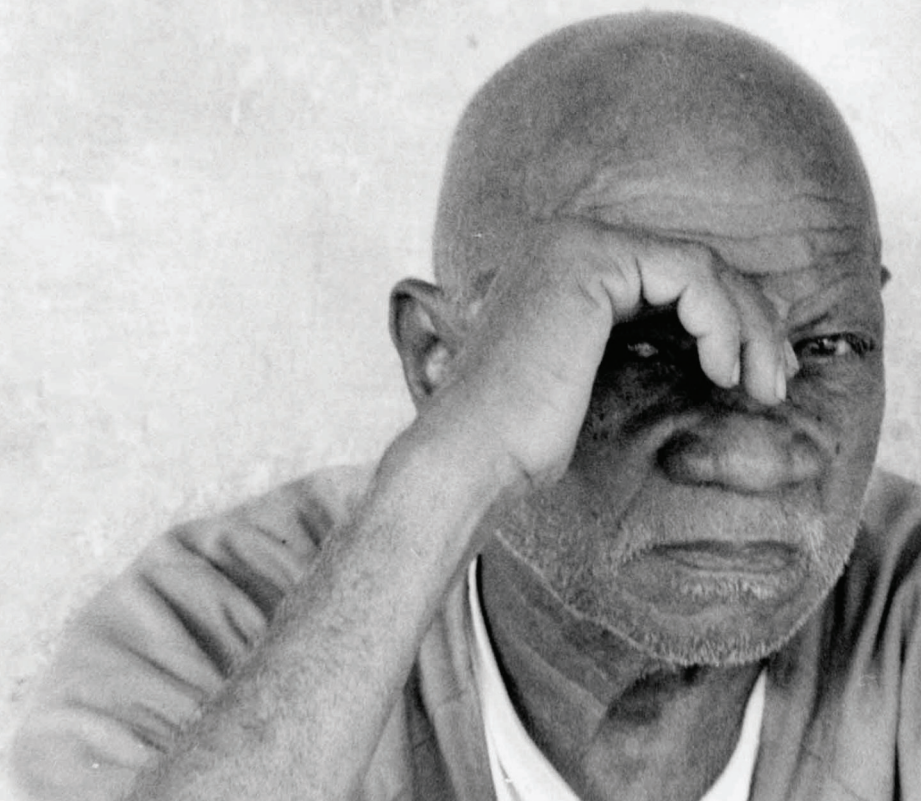
Parceiro Institucional



**arte**



**vital**



Nunca foi tão atual pensar a importância da arte como algo estruturante da essência humana ou, como afirmava o crítico de arte Mário Pedrosa, como uma “necessidade vital”. Quais são seus efeitos nas vidas das pessoas, em especial quando atravessadas pelo sofrimento psíquico? Na trilha desta pergunta, Arte Ponto Vital apresenta diversas experiências e manifestações artísticas na história da Colônia Juliano Moreira (CJM) – desde seu terrível passado manicomial até os tempos atuais, em que vigora o modelo de assistência de base territorial e comunitária implementado através da Reforma Psiquiátrica, iniciada nos anos 80.

Através das criações de Antônio Bragança, Osvaldo Kar, Melania, Arthur Bispo do Rosario, Stella do Patrocínio e tantos outros que ficaram no anonimato, evidencia-se a força da arte em sua capacidade de abrir frestas, resistir, inventar e encontrar meios de sobreviver às atrocidades do hospício. Atualmente, com o Atelier Gaia, a Casa B e os demais programas desenvolvidos pelo Museu Bispo do Rosario, a arte, em suas intersecções com a saúde e a educação, atualiza suas potências de afirmação da vida na produção de encontros, vínculos, afetos e transformação social.

Em um processo de curadoria colaborativa com a equipe do Museu, em *Arte Ponto Vital*, os participantes do *Atelier Gaia* apresentam ao público não só suas produções e de outros artistas que passaram pela CJM, mas evidenciam conexões com as suas próprias histórias de vida. A partir de suas perspectivas, narram a história da Colônia pelo viés da superação, sendo a arte um dos elementos capazes de fazer frente ao silenciamento e à exclusão social provocados pela lógica manicomial. Arte Ponto Vital traz como centro o processo de desinstitucionalização que precisa ser consolidado sem retrocessos, de modo a garantir que a arte e a loucura possam co-existir, livres, na cidade.

**Manicômio nunca mais!**



Colônia Juliano Moreira | Fonte: Museu Bispo do Rosario

# COLÔNIA

## JULIANO MOREIRA

A Colônia de Psicopatas-Homens, inaugurada em Jacarepaguá em 1924, fez parte de um modelo de assistência psiquiátrica organizado em colônias agrícolas para abrigar pacientes ditos incuráveis. A praxiterapia era a base da terapêutica aplicada, evidenciada na inscrição *Praxis Omnia Vincit* – “O trabalho tudo vence” – presente em seu pórtico de entrada. Envolveu a lavoura, pecuária e pequenas indústrias, destacando-se as de artefatos de vime e de colchões. Em 1935, renomeada Colônia Juliano Moreira (CJM), ampliou de maneira significativa suas instalações com a instauração de um novo modelo de assistência – o hospital-colônia.

Em nome de um ideal terapêutico de cura, os pacientes eram retirados do convívio social e familiar para serem submetidos a diversos tipos de trabalhos forçados e torturas. Eram fichados, seus cabelos raspados, recebiam uniformes e, como em um presídio, condenados à “prisão perpétua”. Eram, em sua maioria, pessoas negras e pobres, confinadas em uma “cidade hospitalar” que chegou a abrigar mais de 5 mil “hóspedes”.

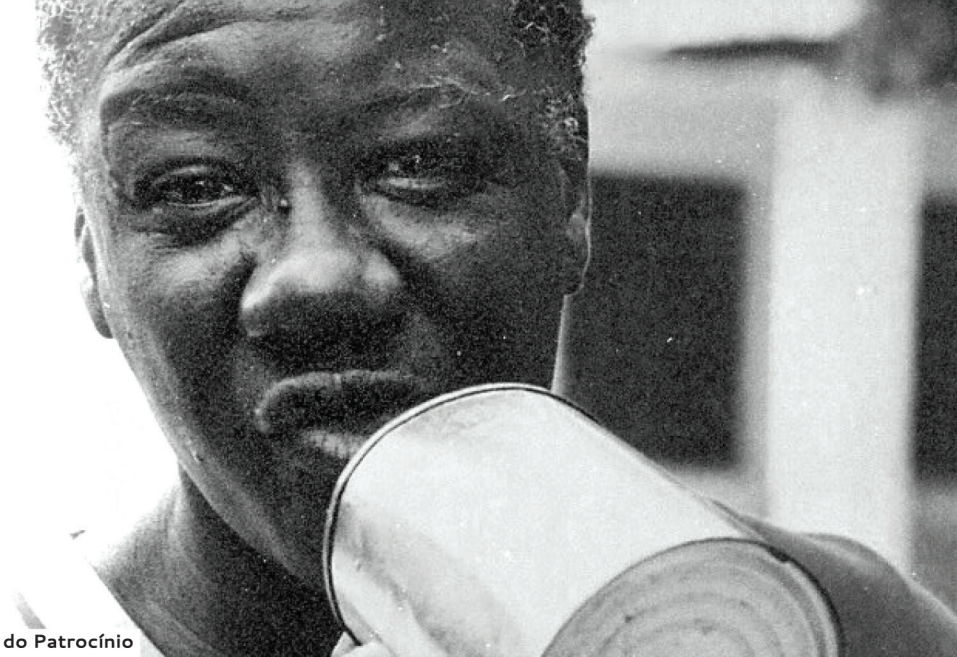


Para alguns psiquiatras da época, os ateliês de arteterapia na CJM seriam um desdobramento sutil da praxiterapia – tratamento por meio da atividade –, com uma metodologia que tenderia ao trabalho dirigido e padronizado, com forte incentivo à reprodução e à cópia. As atividades artísticas, apesar de atenderem uma parcela ínfima da população de internos, tiveram uma função de propaganda do modelo asilar ao construir no imaginário social uma sensação de bom funcionamento da instituição, pois, diante do trabalho de arte – e não do interno –, os espectadores podiam ser levados a ignorar a doença e os horrores do hospício.

Apesar da orientação dos ateliês da CJM ser distinta do que vinha sendo aplicado em outras instituições manicomiais, mais ligadas à livre expressão, pode-se observar na obra de artistas como Antônio Bragança, Osvaldo Kar e Melania um “descontrole” desse processo criativo condicionante. Bragança, destaque do ateliê terapêutico, exemplo dos que subverteram a orientação do trabalho dirigido, fez de sua obra a expressão dramática da sua passagem pelo hospício.

A “arte dos loucos” exerceu forte motivação na sensibilidade dos artistas dos anos 40 e 50. Esse interesse veio da necessidade de uma nova compreensão da conceituação da arte, que não se prendesse aos cânones acadêmicos estetizantes e condicionantes. Sem dúvida, influenciaram os caminhos tomados por artistas da envergadura de Almir Mavignier, Ivan Serpa, Abraham Palatnik, Lygia Clark e Hélio Oiticica, entre outros, muito ligados ao crítico de arte Mário Pedrosa, o primeiro a refletir, escrever e acreditar nas qualidades dessa arte.

O final dos anos 70 marcou o início da Luta Antimanicomial brasileira, movimento social que passou a realizar uma crítica aos métodos de cuidado em saúde mental baseados no modelo hospitalocêntrico, o que incluiu uma série de denúncias à violência praticada nos manicômios. Esses movimen-



Stella do Patrocínio

tos, precursores da Reforma Psiquiátrica, atraíram pessoas ligadas ao universo das artes às instituições asilares, contribuindo para chamar a atenção da sociedade para a experiência da loucura e para os problemas existentes naquele momento no campo da saúde mental. O encontro entre arte e loucura acabou estimulando a criação de novos lugares sociais para a loucura e até mesmo o desenvolvimento de novas terapêuticas.

Hugo Denizart, psicanalista e fotógrafo, foi um dos artistas que desenvolveu um denso trabalho na CJM. Entre 1982 e 1984, coordenou o projeto Juliano Moreira, que disponibilizou equipamento fotográfico para os próprios pacientes registrarem livremente o cotidiano da instituição. Em 1982, iniciou a realização do documentário *O Prisioneiro da Passagem*, filme que apresentaria ao mundo o paciente Arthur Bispo do Rosario. Já em *Região dos Desejos*, trabalho fotográfico publicado em 1984, revelou detalhes do cotidiano dos internos e toda uma variedade de fragmentos que se escondiam no mundo invisível da instituição.

Na mesma direção, o Projeto de Livre Criação Artística, estratégia de ressocialização da CJM implantada em 1986 no núcleo feminino Teixeira Brandão, desenvolveu oficinas livres de artes em parceria com a Escola de Artes Visuais do Parque Lage. Esta iniciativa, coordenada por Denise Correa, teve como resultado a exposição *Ar do Subterrâneo*, montada no Paço Imperial em 1988, que exibiu desenhos, fotografias, instalações e vídeos das internas da CJM. Foi no contexto dessas oficinas que as artistas tiveram contato com Stella do Patrocínio e puderam registrar seu impressionante *falatório*.

# ARTHUR

## BISPO DO ROSARIO

Cidade dos rejeitados”, “fim de linha”, “depósito de loucos”, “casa dos horrores”, assim foi apresentada a CJM na reportagem de TV realizada pelo jornalista Samuel Wainer Filho, exibida em 18 de maio de 1980 no programa Fantástico. As denúncias de maus tratos e das condições precárias dos internos da CJM – comparadas aos campos de concentração – causaram grande repercussão e pressão por mudanças no modelo da assistência psiquiátrica. Foi nessa reportagem que Arthur Bispo do Rosario e suas obras foram vistos pela primeira vez em rede nacional.

Fruto de seu delírio místico, Bispo realizou seu trabalho guiado por vozes que impunham sua missão de recriar o universo. Produzia de forma solitária, utilizando linhas dos uniformes que desfiava e materiais do cotidiano do hospital, confeccionando em seu “cubículo” mais de mil peças: objetos, assemblages, fardões e estandartes. De certa forma, seu *modus operandi* dialogava com o momento de transformação do manicômio, uma desconstrução a partir da personalização de objetos que serviam para uniformizar, padronizar e garantir a ordem na instituição.

O interesse despertado por seu trabalho atraiu artistas, curadores de arte e jornalistas para a CJM. Em 1982, o crítico de arte e curador Frederico de Moraes organizou no Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro (MAM) a exposição coletiva *À Margem da Vida*, que contou com seus estandartes. Em 1985, o fotógrafo Walter Firmo e o jornalista José Castello realizaram a reportagem “Quando explode a vida”, sobre o cotidiano de Bispo do Rosario. Além do filme de Hugo Denizart, de 1982, um vídeo-curta realizado em 1985 por Fernando Gabeira também ajudaria a documentar a vida do artista. Em julho de 1989, Bispo do Rosario faleceu. Meses depois, realizou-se na Escola de Artes Visuais do Parque Lage sua primeira exposição individual, *Registros de minha passagem pela Terra*, com curadoria de Frederico de Moraes. Através dessa mostra, a obra de Bispo iniciou uma trajetória de reconhecimento nacional e internacional. Hoje, o artista é considerado um dos maiores nomes da arte contemporânea brasileira.

Se, no campo da arte, Bispo influenciou diversos artistas, em especial a “Geração 80”, no campo da saúde sua obra inspirou diversas mudanças nas práticas de cuidado, especialmente através da valorização da expressividade, da criatividade e da liberdade dos usuários dos serviços de saúde mental.





Arthur Bispo do Rosario



Quem atirou em nós erro | Clóvis Aparecido

# POLO EXPERIMENTAL

## DE CONVIVÊNCIA, EDUCAÇÃO E CULTURA

O avanço da Reforma Psiquiátrica sinalizou a urgência de atravessar os muros das instituições, reavendo a cidade. As ações culturais, educativas e artísticas tornaram-se pontos fundamentais na criação de novas práticas de cuidado e no movimento de desinstitucionalização. Os museus ligados às instituições de saúde fizeram parte das estratégias que atuaram no imaginário social para permitir novas representações sobre a loucura.

Nesse contexto, em 1982, foi criado o Museu Nise da Silveira, na CJM. Uma homenagem à médica brasileira que marcou a história da psiquiatria. Nos anos 2000, após a municipalização, a CJM passou a se chamar Instituto Municipal de Assistência à Saúde Juliano Moreira (IMASJM). Foi também nesse período que o museu mudou seu nome para Museu Bispo do Rosario Arte Contemporânea.

Em 2013, o Museu incorporou todos os programas culturais do IMASJM através de seu novo eixo de atuação no território: o Polo Experimental de Convivência, Educação e Cultura. O Atelier Gaia, fundado no final da década de 1990, passou a integrar o Polo e transformou-se em um local de criação e formação, gerido coletivamente pelos seus artistas: Arlindo Oliveira, André Bastos, Clovis Aparecido, Leonardo Lobão, Luiz Carlos Marques, Patricia Ruth, Pedro Motta, Rogéria Barbosa, Sebastião Swayzzer e Victor Alexandre. Com o apoio do museu, os artistas puderam ampliar suas pesquisas e práticas, favorecendo o ingresso no circuito da arte e o intercâmbio com artistas de outros contextos – em especial através de seu programa de residências artísticas: a Casa B. A imersão no universo da Colônia, vivenciada pelos participantes do programa Casa B, ocorre até hoje no encontro com os conviventes do Polo Experimental, no contato com o acervo do museu e na relação com o território. Na interface entre a arte e a saúde mental, os artistas residentes vivenciam o processo de criação em suas dimensões ética e estética, sendo afetados e se afetando, reciprocamente.

O Polo Experimental – com suas oficinas de bordado, música, mosaico, hora, audiovisual, teatro de bonecos, dança, pilates, culinária, seu bloco de carnaval e sua rádio Delírio Cultural – transforma-se nessa amálgama, que reúne a comunidade, artistas, usuários e trabalhadores do campo da saúde mental em uma relação horizontal e desierarquizada para experimentar através da arte, bem como promover novos encontros e outras possibilidades de existência. Sua potência está na ampliação dos laços, no tornar-se casa, território de vínculos, criação, transformação e afetos.

---

## **TEXTOS E ORGANIZAÇÃO**

**DIANA KOLKER** – Curadoria Pedagógica

**JOÃO HENRIQUE QUEIROZ** – Coordenação de Projetos e Pesquisa

**RICARDO RESENDE** – Curadoria Geral

**RAQUEL FERNANDES** – Direção



Exposição Arte Ponto Vital



...





O Museu Bispo do Rosário Arte Contemporânea (mBrac) é vinculado ao Instituto Municipal de Assistência à Saúde Mental Juliano Moreira, localizado na Taquara, Zona Oeste do Rio de Janeiro. Um dos únicos museus da região, sua principal missão é guardar, preservar e difundir a obra de Arthur Bispo do Rosário, que viveu grande parte de sua vida internado na antiga Colônia Juliano Moreira (CJM), e, hoje, é considerado um dos maiores artistas do século 20. O acervo também inclui obras produzidas nas antigas oficinas de arteterapia da CJM, entre os anos 1940 e 1980, e pelos artistas do Atelier Gaia, desde a década de 1990. Conta também com um arquivo documental de valor inestimável para a história da psiquiatria brasileira.

O mBrac desenvolve suas ações através de 3 eixos fundamentais: Acervo, Exposições e Polo Experimental de Convivência, Educação e Cultura. Deste modo, vem se consolidando como um museu de arte e saúde mental, realizando exposições de seu acervo em diálogo com a produção artística contemporânea e promovendo a reintegração psicossocial de usuários dos serviços de saúde mental. O projeto pedagógico permeia todas as ações do museu, estimulando a participação pública, a criação, o pensamento crítico e a convivência. Seguindo a lógica de um museu expandido, vem desenvolvendo diversos programas no território e nas redes, com acesso gratuito a todos os públicos.

## **POLÍTICA DE ACERVO**

O Museu Bispo do Rosário Arte Contemporânea possui um acervo composto por mais de 1500 objetos, com diferentes características e naturezas. Tem como destaque a produção do artista Arthur Bispo do Rosário, coleção de relevância nacional e internacional tombada pelo INEPAC em 1992 e pelo IPHAN em 2018. A instituição assume entre os seus principais desafios a preservação e conservação de seu acervo e, em 2017, deu início ao projeto Inventário do Mundo, que envolve a catalogação, a higienização e a restauração do conjunto da obra de Arthur Bispo do Rosário. Espera-se que estas ações sejam estendidas às demais coleções, propiciando um processo contínuo de pesquisa, organização e outras medidas de salvaguarda realizadas em colaboração com diversos especialistas. Esse processo poderá ser visualizado através de catálogo virtual que será disponibilizado pelo Museu.

## **EXPOSIÇÕES**

Nas suas cinco galerias, o mBrac apresenta exposições e uma série de programas educativos voltados para todos os públicos, de variadas faixas etárias. Em sua política de exposições, o mBrac procura estabelecer um diálogo de seu acervo com as temáticas contemporâneas, por meio de mostras de média permanência que entrelaçam arte e saúde mental.

# ATIVIDADES CASEIRAS

Em tempos de quarentena, manter nossa vitalidade, ativar nossas capacidades criativas e a família entretida com experiências de qualidade são grandes desafios. Pensando nisso, o Museu Bispo do Rosario inseriu através das suas redes sociais uma série de atividades artísticas e educativas, conhecidas como Atividades Caseiras. Através delas também desejamos proporcionar momentos de auto cuidado, experimentação, expressão e criação.

APONTE SUA CÂMERA PARA  
O QR CODE E TENHA ACESSO  
A TODAS AS NOSSAS  
ATIVIDADES



Se desafie, chame sua família, sua turma, seus alunos e alunas e se joga! Depois compartilha conosco através da

**#ATIVIDADES\_CASEIRAS**





Tô aqui - Arlindo Oliveira

# arte



# vital

## **Presidente Bispo do Rosario**

### **Associação Cultural**

Christina Gabaglia Penna

## **Vice – Presidente Bispo do Rosario**

### **Associação Cultural**

Gustavo Carvalho

## **Tesoureira Bispo do Rosario**

### **Associação Cultural**

Patrícia Salles

## **Curadoria**

André Bastos, Arlindo Oliveira, Diana Kolker, Luis Carlos Marques, Patrícia Ruth, Pedro Motta, Raquel Fernandes, Ricardo Resende, Rógeria Barbosa.

## **Artistas**

Antônio Bragança, Taipu Lace, Melania, Milton Gomes, Clóvis, Stefan Demirbachian, Kar, Hugo Denizart, Januário Garcia, José Rufino, Arthut Bispo do Rosario, Miguel Przewodowski, Clóvis Aparecido dos Santos, Rogéria Barbosa, Arlindo Oliveiram André Bastos, José, Gilmar Ferreira, Leonardo Lobão, Patrícia Ruth, Victor Alexandre, Sebastião, Luiz Carlos Marques, Pedro Mota.

## **Pesquisa**

João Henrique Queiroz

## **Design**

Claudia Revoredo

## **Mediação**

André Bastos, Rennan Carmo, Silvana Marcelina.

## **Auxiliar de Mediação**

Ivanildo Ferreira e Luiz Lindenberg.

## **Auxiliar de Produção**

Celso Oliveira

## **Montador**

Moisés Barbosa e Thiago Machado.

## **Cenotécnica**

Alexandre Oliveira

Auxiliar de cenotécnica

Rogério Marques Gonçalves

## **Iluminação**

Eduardo Souza

## **Gravurista**

Thiago Modesto

## **Tour Virtual**

Bernardo Marques

## **Videomaker**

Lucas Magalhães, Mariana Fernandes, Pedro Ivo de Oliveira.

## **Website**

André Azenha e Ton Trevisan.

## **Tradução de libras**

Atanael Weber

## **Assessoria de Imprensa**

Tess Ideias e Comunicação

Márcio Martins e Rita Fernandes.



Estrada Rodrigues Caldas, 3400  
| Taquara – Jacarepaguá  
22713–375 Rio de Janeiro – RJ  
+55 (21) 3432 2402  
contato@museubispodorosario.com  
www.museubispodorosario.com

Visitação das galerias  
Terça a sexta, das 10h às 17h.

Visitação e funcionamento do Polo  
Segunda a sexta, das 10h às 17h.

Secretaria – Edifício Sede  
Segunda a sexta, das 10h às 17h.

Estacionamento gratuito

Visitas mediadas em português e inglês para  
todos os públicos podem ser agendadas pelo e-mail  
agendamento@museubispodorosario.com



# arte vital

Realização



Patrocínio



Cultura

Secretaria de  
Cultura e Economia  
Criativa



GOVERNO DO ESTADO  
RIO DE JANEIRO

SECRETARIA ESPECIAL DA CULTURA  
MINISTÉRIO DO TURISMO



Parceiro Institucional

